

# Brasil

## Kelman prevê conta de luz mais cara em 2009

De Brasília

As reduções nas contas de luz estão com os dias contados e devem inverter a trajetória ao longo de 2009, advertiu ontem o diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), Jerson Kelman. “Lamentavelmente, é essa a tendência”, afirmou Kelman, baseando sua previsão na alta do dólar e no encarecimento da eletricidade proveniente da usina binacional de Itaipu, que abastece 31 das 64 distribuidoras — principalmente no Sul e Sudeste.

Kelman participou de audiência pública na Comissão de Infra-estrutura do Senado em que prestou conta de seus quatro anos à frente da Aneel. Ele deixa o cargo no dia 13 de janeiro e será substituído por Nelson Hubner, ex-ministro de Minas e Energia, cuja indicação para o cargo está pronta na Casa Civil. No entanto, o PMDB enviou sinais de que pode causar problemas na votação de seu nome. É isso o que tem, por enquanto, atrasado a sua indicação formal. O partido está em batalha com o PT pela sucessão da presidência do Senado.

O diretor-geral estimou que só a alta do dólar e o aumento da energia de Itaipu vão pressionar em cinco pontos percentuais as tarifas de distribuidoras que adquirem energia na binacional. Ele exemplificou suas projeções com o caso da Elektro, concessionária que atende 223 municípios no interior de São Paulo. Em agosto, quando teve seu último reajuste tarifário, a taxa de câmbio estava em R\$ 1,57 e cada megawatt-hora (MWh) comprado de Itaipu valia R\$ 76. Desde então, disparou a cotação da moeda americana e a Aneel autorizou reajuste de 8,7% nas tarifas em dólar de Itaipu, cuja energia é rateada entre 31 concessionárias e corresponde a cerca de 20% da eletricida-

de comprada por elas.

Com uma simulação que leva em conta o dólar a R\$ 2,20 e já embute o aumento da tarifa de Itaipu, o mesmo MWh passará a custar R\$ 115 para a Elektro. De acordo com Kelman, isso se soma a outras pressões, como a alta do IGP-M e o encarecimento da matriz elétrica nacional, que nos últimos leilões teve uma presença maciça de térmicas movidas a óleo. “Estamos optando inexplicavelmente por usinas mais caras e mais poluentes”, lamentou.

Kelman defendeu a exploração de novos empreendimentos hidrelétricos na Amazônia. “Sou altamente favorável, nossa grande fronteira energética está lá”, disse o diretor-geral, durante a audiência, acompanhada por representantes de várias associações do setor.

Para ele, representantes da Justiça, do Ministério Público e de organizações não-governamentais têm olhado apenas um lado do problema. “Duas questões devem ser feitas: o que acontece se a usina for construída e o que acontece se a usina não for construída. Essa segunda parte não tem sido pensada como parte do processo decisório”, afirmou Kelman, que vê nisso a origem da proliferação de termelétricas: elas são 14 hoje e chegarão a 63 em 2013, multiplicando por 19 vezes o consumo de óleo diesel ou óleo combustível no período.

Segundo ele, os presidentes e diretores-gerais dos dez órgãos reguladores formularam um documento com sugestões para inclusão no projeto de lei 3.337, de 2004, que disciplina as regras para as agências. Uma das principais recomendações é a criação de tribunais especializados em regulação econômica, para evitar que decisões das agências sejam contestadas em qualquer tribunal.

**Leia mais sobre energia na B1**